Novo Boletim Bibliográfico

Informativo da Fundação Vingt-um Rosado

Mossoró - Rio Grande do Norte

Ano 71 - Número 169 - Julho de 2019

Cantinho da Poesia

Notícias do Museu Histórico Lauro da Escóssia

Agente Cultural - Com Franci Dantas

Concurso Literário Coleção Mossoroense 70 anos: Todos os vencedores

Notícias da Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte

Colaboração de:

Geraldo Maia
Tomislav R. Femenick
Benedito Vasconcelos
Dix-sept Sobrinho
Wilson Bezerra
Filemon Pimenta
Renato Borges

Dicas de leitura de obras publicadas pela Coleção Mossoroense

FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
CNPJ 70.302.583/0001-90
Praça da Redenção Dorian Jorge Freire, 17 - Terceiro andar - Centro – Mossoró / RN - Brasil CEP: 59600-065 Telefone: 84 98822 1721/ 84 98886 0520 / 3315 5177
https://colecaomossoroense.org.br e fvrcm@uol.com.br
Conta para depósito, transferência e/ou colaboração: Banco do Brasil - Agência 0036- 1 / Conta Corrente 153714-8.

Nome: Jerônimo Dix-sept Rosado Maia Sobrinho
Cargo: Presidente

Nome: Wilson Bezerra de Moura
Cargo: Conselho de Curador (Membro Nato)

Nome: Elder Heronildes da Silva
Cargo: Conselho de Curador (Membro Nato)

Nome: Benedito Vasconcelos Mendes
Cargo: Conselho de Curador (Membro Nato)

Nome: Antônio Kydelmir Dantas de Oliveira
Cargo: Conselho de Curador (Membro Efetivo)

Nome: Francisco Rubens Coelho de Figueiredo
Cargo: Conselho de Curador (Membro Efetivo)

Nome: Geraldo Maia do Nascimento
Cargo: Conselho de Curador (Membro Efetivo)

Nome: Daniela Rosado do Amaral
Cargo: Conselho Fiscal (Membro Efetivo)

Nome: Marcos Antônio Filgueira
Cargo: Conselho Fiscal (Membro Efetivo)

Nome: Wagner Rosado da Escóssia
Cargo: Conselho Fiscal (Membro Efetivo)

Nome: Paulo de Medeiros Gastão (in memoriam)
Cargo: Conselho Fiscal (Membro Suplente)

Nome: Filemon Rodrigues Pimenta
Cargo: Conselho Fiscal (Membro Suplente)

Nome: Almir Nogueira da Costa
Cargo: Conselho Fiscal (Membro Suplente)

Novo
Boletim Bibliográfico
EXPEDIENTE:

Diretor Executivo: Jerônimo Dix-sept Rosado Maia Sobrinho
Projeto Gráfico: Geraldo Maia do Nascimento
Editoração, diagramação e revisão: Eriberto Monteiro
Colaboradores: Asclépius Saraiva, Geraldo Maia do Nascimento, Eriberto Monteiro, Maria das Graças Henrique, Maurílio Carneiro, Francisca Maria de Araújo, Júlia Azevedo, Filemon Rodrigues Pimenta, Dix-sept Rosado Sobrinho, Benedito Vasconcelos Mendes, Elder Heronildes, Douglas Soares, Josselene Marques, Franci Francisca Dantas, Wanderlea Lima, Wilson Bezerra de Moura, Lucas Rafael Monteiro, Ricardo Alfredo e Renato Borges, Paulo Ricardo, Kennedy Fernandes, Benômia Rebouças, Alexandre Filho.

Notícias da Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte

A Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte está de parabéns pelos serviços prestados neste mês de julho. Sua equipe tem sempre trabalhado para atender bem ao público visitante que busca por conhecimento ou informações diversas.

O projeto de interação "Direção Participativa" implantado para melhorar o atendimento aos visitantes da biblioteca continua. Este projeto visa avaliar os serviços prestados por esta instituição sobre segurança, atendimento, acervos, equipamentos, horários e sugestões mais para melhorias. Para participar, retire o seu formulário na recepção da biblioteca, participe e deposite numa pequena urna. Sua opinião será analisada para futura aplicabilidade.

A biblioteca municipal foi utilizada como base para entrega do fardamento completo material de trabalho novos para os Agentes Comunitários de Saúde e Agentes de Endemias do Município. Foi um investimento de R$ 763 mil da Prefeitura Municipal de Mossoró para melhorar as condições de trabalho dos agentes durante sua rotina diária laboral e para melhor atender a população.

Para o mês de julho, a estatística apresentou os seguintes números, conforme suas respectivas ações e distribuídas conforme a tabela abaixo:

-Reunião da ALAMP;
-Solenidade da Associação dos Escritores Mossoroenses (ASCRIM);
-Exposição da Associação dos Escritores Mossoroenses (ASCRIM);
-Capacitação da Secretária Municipal de Educação;
-Lançamento de cadeiras da Academia Mossoroense de Letras;
-Reunião pedagógica Secretaria Municipal de Educação;
-Reunião do Conselho Municipal de Saúde e da Secretaria Municipal de Saúde;
-Entrega do fardamento dos agentes de Saúde e Endemias;

Setores	Número de Usuário de cada setor
Recepção (visitante em geral)	695
Acervo geral	117
Acervo de Referência	02
Hemeroteca	24
Coleção Mossoroense (acervo da biblioteca municipal)/Coleção RN	16
Coleção Mossoroense (acervo da Fundação Vingt-un Rosado)	18
Acervo infantil	136
Estudo Coletivo	00
Empréstimo	75
Devolução	66
Carteira de Usuário	03
Auditório América Fernandes Rosado	661
Salão Marieta Lima – Eventos	965
Estudo individual	00

O horário normal de funcionamento da Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte é de segunda à sexta, das 8h às 18h ao público em geral.

Já para o acesso à Fundação Vingt-un Rosado e acervo da Coleção Mossoroense, localizados no terceiro andar da biblioteca, o horário de visitas neste setor é de segunda à sexta-feira, das 8h às 12h e das 13h às 17h30.

Funciona também em horários extraordinários para eventos agendados. Para agendar sua visita ou para eventos, entrar em contatos pelos números: (84) 3315-5177 / 3315 5178 ou 3315 5179 e falar com Júlia Azevedo ou ainda pelo endereço virtual https://www.facebook.com/bibliotecaneypontesduarte.

Notícias do Museu Histórico Lauro da Escóssia

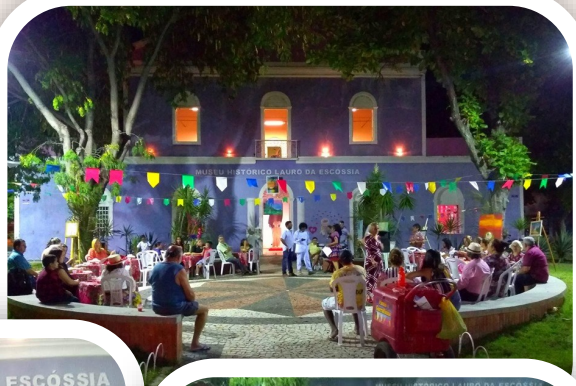
Nesse mês de Julho/2019 o Museu Histórico Lauro da Escóssia recebeu 1.264 visitantes divididos em 243 visitas sem pré-agendamento com assinatura ao nosso livro, nas páginas 78 a 83 e 1.021 através de grupos, seja escolares, turistas e universitários com 14 planilhas de agendamento, devidamente preenchida e assinada pelos visitantes responsáveis.

A faixa etária foi de **0-14** (50,02%), **15-29** (14,43%) e **30+** (35,55%), conforme a tabele abaixo:

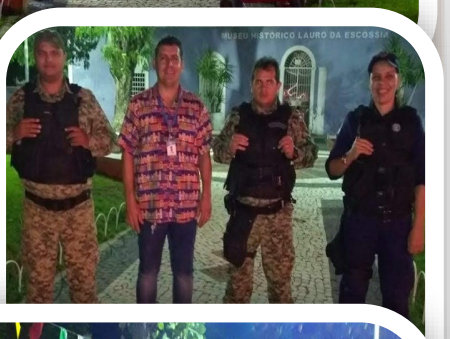
De 0 a 14 anos	**50,02%**
De 15 a 30 anos	**14,43%**
Acima de 30 anos	**35,55%**

Das cidades visitantes, o museu teve uma variedade de 57 cidades do Brasil, como por exemplo **NATAL/RN** (207 visitantes) - **FORTALEZA/CE** (61 visitantes) - **RECIFE/PE** (97 visitantes).
De Mossoró, foram 687 visitantes, sendo responsável por 54,35% do total.

Além destas cidades acima citadas, o museu recebeu visitantes de Pau dos Ferros/RN, Terezinha/PI, Marcelino Vieira/RN, Salvador/RN, Rio de Janeiro/RJ, Currais Novos/RN, Cascavel/CE, Areia Branca/RN, Belém/PA, Nova Floresta/MG e Caicó/RN.



O Museu evidenciou o dia do Arqueólogo, comemorado no dia 25/07. Segundo o professor Valdeci da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), com doutorado em arqueologia, "o museu possui o maior acervo arqueológico do Nordeste".

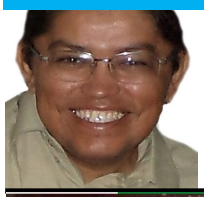


A Academia Mossoroense de Artistas Plásticos (AMARP) realizou o Lual Junino e festejou a cultura conjuntamente com várias personalidades culturais de Mossoró. O momento aconteceu na área externa do museu com total apoio da guarda civil municipal.

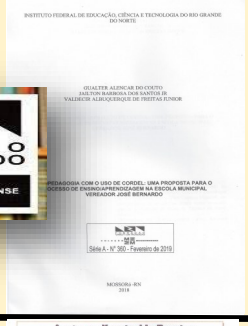
O diretor-geral do museu, Asclépius Saraiva tem mostrado um excelente trabalho junto a comunidade. Ele agradece todo apoio que vem recebendo, principalmente "todos que contribuíram para um mês repleto de conhecimento, engrandecendo a nossa cultura, nossa história e memória da nossa Mossoró."

No Museu Histórico Lauro da Escóssia você conhece sua história, sua cultura e ainda aprende sobre ela. Agende sua visita, através dos contatos: (84) 3315-4778/4776 ou ainda (84) 98103- 3810, número cedido gentilmente por Asclépius Saraiva. "O contato poderá ser por meio de voz via telefone ou mensagens via WhatsApp". Ele, ainda acrescenta que "Será um prazer atendê-los".

O horário de funcionamento é de terça à sexta, das 7h30 às 13h e aos sábados, das 7h às 11h. Funciona também em horários extraordinários, desde que seja devidamente agendada a visita.



Eriberto Monteiro
eribertomonteiro@hotmail.com



Ecopedagogia com o uso de cordel: Uma proposta para o processo de ensino

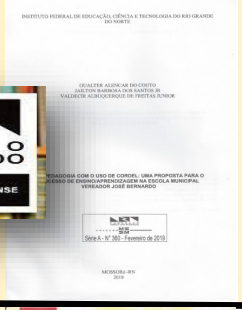
Autores: Gualter Alencar, Jailton Barbosa, Valdecir Albuquerque - Volume: 360 - Ano: 2019 - Série A - 39 páginas - Formato: 20,5 x 28,7

A obra apresenta a utilização do cordel voltado ao aprendizagem da ecopedagogia na prática de oficinas e xilogravura.

Élio Motos

Autor: Kerginaldo Pereira - Volume: 60 - Ano: 2019 - Série D - 8 páginas - Formato: 10,5 x 14,8

Cordel em homenagem ao cidadão Élio Pereira, feito pelo seu pai moto. Élio foi vítima da violência que assola o Brasil.



Movimento comunismo de 1935

Autor: Lauro da Escóssia - Volume: 1087 - Ano: 1991 - Série B - 26 páginas - Formato: 15,3 x 20,8

Obra de Lauro da Escóssia, pesquisa e organização de Raimundo Soares de Brito que relata sobre o movimento comunista acontecido em 1935.

Revistinha Monxorós - Cordel em quadrinho - Aquela dose de amor

Autor: Antonio Francisco - Volume: 2793 - Ano: 2011 - Série B - 19 páginas - Formato: 14,5 x 20,4

Obra pela poesia clássica de Antonio Francisco e desenhos de Rick Waekman que traz uma reflexão referente as consequências dos atos impensados dos seres humanos.

Deposite, transfira, colabore. Qualquer valor é sempre bem-vindo para manter da Coleção Mossoroense viva.
Fundação Vingt-un Rosado / CNPJ 70.302.583/0001-90 / Banco do Brasil, agência 0036-1 / Conta Corrente 153714-8.

Geraldo Maia do Nascimento
gemaia1@gmail.com

100 ANOS DA IGREJA DE SÃO VICENTE DE PAULO

Em 20 de julho de 1919, num dia de domingo, dava-se a inauguração da igreja de São Vicente de Paula. A ideia da sua construção surgiu em 1915, no seio das confrarias vicentinas, sendo a sua pedra fundamental lançada a 3 de outubro daquele ano, com ato oficiado pelo padre Elesbão Gurgel.

O ano de 1915 foi para o nordeste brasileiro, de fome e desgraça. Uma grande seca assolou a região, fazendo com que milhares de sertanejos deixassem seu torrão natal e se aventurassem em busca do litoral. E Mossoró, por já ser naquela época um grande centro comercial, com abrangência não só no Oeste potiguar, mas também em parte da Paraíba e do Ceará, era o lugar almejado por muitos retirantes. E, de repente, a cidade se encheu de gente faminta e maltrapilha, que foram se instalando pelas ruas da cidade. Disse Euclides da Cunha: \"o sertanejo é antes de tudo um forte\". Mas a fome e a sede dissiparam o orgulho daquela pobre gente, transformando-os em múmias humanas, desgraçados sofredores que imploravam pela ajuda alheia, de casa em casa, de loja em loja.

Era mister que se oferecesse alguma trabalho para que aquela gente pudesse ganhar o seu sustento dignamente sem se humilhar tanto. E a construção da igreja de São Vicente de Paula foi um alento para muitas famílias de retirantes.

O historiador Raimundo Soares de Brito, em trabalho publicado sobre a igreja de São Vicente, diz que \"os serviços da construção do templo serviram para amenizar o sofrimento das numerosas levas de retirantes que aqui chegavam tangidos pelo flagelo da grande estiagem\". Das mãos fracas de famintos retirantes surgiram os tijolos e a cal que foram usados para erguer o templo. O dinheiro que ganhavam, apesar de pouco, era o que amenizava a fome. O professor Almeida Barreto, em um dos capítulos das suas memórias dizia: \"Aquele templo é uma dádiva de suor, sangue e lágrimas, dos retirantes, de 1915. Merece um poema à memória de um êxodo forçado\". E o próprio professor Barreto faria esse poema, quando apelava: \"Mossoroenses, quando passardes diante da igreja de São Vicente de Paulo, prestai o vosso culto, não só ao orago do templo, como aos seus construtores, quase todos desaparecidos. Já, porém, ainda mais rendei o vosso preito àqueles humildes grandes, que fabricaram, de graça, o material para o citado templo\".

Do lançamento da pedra fundamental até a inauguração, foram quase quatro anos de obras. A princípio, seria inaugurada no dia 19 de julho, mas foi adiada para o dia 20 por ser um domingo. As festividades começaram às 7h da manhã com a bênção do templo pelo Ver. Ullyses Maranhão, com a presença dos vicentinos das diversas confrarias desta cidade, de Areia Branca, de São Sebastião (atual Gov. Dix-sept Rosado) e de Upanema. Depois da bênção, foi celebrada uma missa solene, \"acompanhada a órgão por um coro de senhoritas, echoando docente pelas naves do novo templo, que está atestando o viril esforço dos vicentinhos de Mossoró\", segundo descrição do jornal O Nordeste, de 30 de julho de 1919.

(Continuação)

A igreja de São Vicente de Paula está ligada também a um fato histórico da cidade. É que em 13 de junho de 1927, quando a cidade de Mossoró foi atacada pelo bando de cangaceiros chefiados por Lampião, o referido templo serviu de trincheira para os defensores da cidade, sendo de sua torre que partiram os tiros que mataram o cangaceiro Colchete e feriram Jararaca, que posteriormente veio a ser justiçado em Mossoró.

Da luta dos flagelados da seca de 1915 para erguer o templo, pouco se comenta. Esse fato a poeira do tempo apagou. Da importância da igreja na defesa da cidade contra os cangaceiros, sim. Esse episódio fez com que a igreja se tornasse um ponto turístico da cidade de Mossoró. Sua imagem ficou associada a esse fato de tal maneira, que não se fala em cangaceiros em Mossoró sem se referir a igreja de São Vicente. Por tudo isso é que a igreja de São Vicente de Paulo é considerada um monumento histórico da cidade de Santa Luzia do Mossoró.

O escritor e historiador Geraldo Maia do Nascimento lançou, no início de fevereiro, mais uma ferramenta sobre Mossoró e região: o canal “Na História”.

São fragmentos da história de Mossoró, que, segundo o próprio idealizador, “…pequenas histórias para compor a concha de retalho que é a história da nossa cidade”.

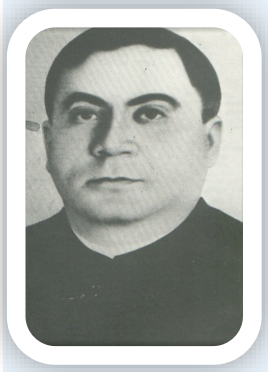
A Ferramenta audiovisual ajudará aos internautas na compreensão da história de Mossoró ao longo da sua construção nos mais diversos assuntos.

Geraldo Maia, além de renomado escritor com obras publicadas pela Coleção Mossoroense, lançou cordéis com o mesma pedagogia informativa e selo editorial.

Para quem tem interesse em acessar e conhecer sobre os demais assuntos de Mossoró neste novo ferramenta informativa, acesse o canal pelo link https://www.youtube.com/channel/UC3zeeh8Ac1ZiXPv_3f2LZEA, curta, compartilhe e inscreva. Ative também o sininho. Você será notificado cada vez que no novo vídeo for postado Valorize nossos historiadores. Valorize nossos escritores. Valorize a nossa Coleção Mossoroense.

Como criar uma diocese: fé e astúcia

Tomislav R. Femenick – Mestre em economia com extensão em sociologia.
Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte



O Monsenhor Luiz Ferreira Cunha da Mota, ou simplesmente Padre Mota, foi prefeito de Mossoró por quase dez anos consecutivos e vigário geral da diocese por mais de vinte e cinco anos. Ordenado em Roma – numa época em que isso era raro – se destacou como sacerdote, educador, político e administrador. Porém sua maior atuação foi como Vigário da Diocese de Santa Luzia.

O grande trabalho do Padre Mota foi a criação da Diocese de Mossoró. Meses após tomar posse como vigário da Paróquia (em janeiro de 1926), o Padre promoveu uma reunião, na sacristia da Capela do Sagrado Coração de Jesus, com um número reduzido de pessoas. Além do Cônego Ramalho, do Padre Mota e seu pai, o Cel. Vicente Ferreira da Mota, apenas o comerciante e industrial Miguel Faustino do Monte. O motivo da reunião: a criação da Diocese de Mossoró.

Miguel Faustino ficou encarregado de levantar o assunto junto à Arquidiocese de Natal, a qual a Paróquia de Mossoró estava subordinada; o Cel. Mota junto às autoridades, comerciantes e industriais da região; o Padre Mota e o Cônego Ramalho, se encarregariam de arregimentar apoio entre os outros elementos do clero. Entretanto tudo isso deveria ser tratado com absoluto sigilo, para não melindrar as autoridades eclesiásticas da capital. Se houvesse dúvidas quanto à capacidade de alguém guardar o segredo, poder-se-ia recorrer ao sigilo confessional – os leigos pedindo para se confessar; os Padres pedindo para confessar os leigos que viessem a se integrar no movimento. Anos depois, o já Monsenhor Mota reconheceu: *"Foi um recurso maquiavélico, mas a causa era nobre e divina"*.

O primeiro passo foi dado por Miguel Faustino junto ao arcebispo de Natal, Dom Marcolino Dantas. Em uma conversa informal, disse ao prelado que estaria disposto a fazer uma generosa contribuição, quando fosse oportuno transformar a Paróquia de Mossoró em uma Diocese. Essa contribuição visaria a formar a sua estrutura material, para que ela pudesse funcionar sem os percalços e atropelos, próprios de uma nova entidade dessa natureza. O Cel. Mota formou uma comissão *ad hoc* da qual participaram Rodolfo Fernandes (que logo em seguida, teve que se afastar por motivo de saúde), Jerônimo Rosado, Raimundo Juvino, Rafael Fernandes Gurjão (futuro interventor do Estado, de 1935 a 1943) e outros. Segundo o próprio Padre Mota, dos que foram citados, apenas Raimundo Juvino teve que ser confessado, para guardar o segredo.

O trabalho dos sacerdotes Luiz Mota e Amâncio Ramalho foi trazer para a ideia os clérigos que atuavam em outras paróquias da região. Alguns reverendos pensavam que o movimento poderia se transformar em um processo pela elevação do cônego ou do padre à condição de bispo. A solução: tantas confissões quando necessárias foram. Muito embora legítimo e de certo ponto até necessário, todo esse trabalho foi realizado em segredo, visando fazer com que a iniciativa da organização da nova Diocese partisse da Arquidiocese de Natal, a quem a Paróquia de Mossoró estava subordinada.

Foi uma luta difícil, mas que mereceu ser batalhada. Havia muitos obstáculos a serem transpostos, que terminaram por ser vencidos, pois aquelas pessoas que sonhavam com uma Diocese para Mossoró eram soldados experimentados em outras batalhas. Os esforços de Padre Mota, do cônego Amâncio Ramalho e de outras pessoas (principalmente de Dom Marcolino Dantas), venceram as adversidades econômicas e políticas e surtiram efeito. Apenas Jerônimo Rosado, que faleceu no dia 25 de dezembro de 1930, não chegou a ver realizado aquele sonho.

No dia 14.09.1934, o Padre Mota recebeu um telegrama de Dom Marcolino comunicando a criação da Diocese de Mossoró, através de uma bula papal emitida por Pio XI, datada de 28 de julho. Segundo Monsenhor Sales, *"imediatamente, mandou repicar todos os sinos das igrejas da cidade e soltas girândolas de foguetões como uma demonstração patente do seu júbilo"*.

No dia 18 de novembro do mesmo ano, por deferência especial de Dom Marcolino Dantas, o Padre Mota presidiu o ato inaugural da nova diocese, pela qual tanto lutara. A reunião teve lugar na Catedral de Santa Luzia. O próprio Padre Mota fez o assento do acontecimento, no 4º Livro de Tombo da sua Igreja Matriz.

Cantinho da Poesia

Oh! Paisagem nua

Paulo Ricardo

Nenhuma inspiração...
Nenhuma esperança a me esperançar.
Nenhuma gota de sonho a sonhar.
Nesta imensa amplidão...

Estou sozinho num deserto -apesar da noite-
Sob a luz de um sol infernal e assassino!
Meus olhos, de tanta claridade, ardem.
Um silêncio quase total e pleno...
O zumbido apenas do vento
Quente e seco -no longínquo deste ermo-

Bate nos galhos mortos que as folhas
-Como muitos sonhos e anseios-
Desprenderam-se com seus últimos adeus!
"Oh! paisagem nua!"
-Dor.

Vozes roucas

Kennedy Fernandes

Há vozes que gritam em silêncio,
em silêncio gritam por liberdade.
Gritam as vozes roucas, estranhas, dialéticas, esquecidas.
Vejam o tempo, hipertrofia do executivo!
Anunciam mentiras, os falsos jornais
Inventados!
Amem ou deixem a pátria,
pátria marcada pelo sangue da opressão.
Brasil!
Meio século se passou.
E agora?
Ainda gritam as vozes roucas,
oprimidas, mal digeridas.
E tudo era ideologia, e tudo era euforia,
e tudo era...
Tudo era nada, vozes que foram caladas.

Sou uma mulher com deficiência

Benomia Rebouças

Sou uma flor que desabrocha.
Sou um ser com sede de amar e ser amada, de chegar e vencer, conquistar meu espaço, ter nas mãos a liberdade.
Pudera a vida ser um espelho, para refletir as minhas angústias e medos...
Medo de não viver o que é pra ser vivido...
Medo de não conseguir o meu espaço na sociedade que discrimina, que rotula, que deixa os pequenos, aqueles que consideram insignificantes, à margem.
Minha vida é sonhar, meu sonho não é o mais bonito, porém, o mais podado.
Meu sonho é meu espaço.
Espaço para sonhar, cantar, sentir, pensar, amar, viver, ser feliz.
Sou uma guerreira de armas viva.
Minha espada é minha voz, meu escudo o coração.
Sou a ingenuidade, alma pura, ser fraterno.
Sou uma mulher com deficiência....

Embaçado

Alexandre Filho

Visão embaçada
Leitura embaçada
Árvore embaçada.
Cachorrinha embaçada
Mundo embaçado
Realidade embaçada.
Definitivamente.
Definitivamente, tudo embaçado.

- Ora! Pare de poetizar bobagens e ponha logo esses óculos

Nada mais embaçado.

Cantinho da Poesia

Morte

Douglas Soares

Talvez a morte é o descanso para alma pobre
É um choro sem vela que afaga a nossa vida
Talvez a morte seja o choro do velho nobre
Que ralou tanto por grana que hoje tenta curar a ferida

Talvez a morte seja a cancela para o descanso
Que o homem sempre teme colidir com o sono eterno
Talvez a morte seja uma porta para o avanço
Ou somente uma metáfora do caminho céu e inferno

Talvez a morte seja o gosto da impureza
Ou será só sua explosão de pecado
Talvez a morte seja o instinto da natureza
Ou somente um corpo ao chão sem nenhum significado

Talvez a morte seja a visão do paraíso
Ou a lágrima escorrendo caminhando para o inferno
Talvez a morte seja o choro do prejuízo
Ou duas mãos que rezou tanto para ter o abraço paterno

Talvez a morte seja a linha tênue da vida
Que separa a alma boa do espírito ruim
Talvez a morte seja só uma contrapartida
Que manteve meu corpo vivo, mas morri dentro de mim

Talvez a morte, nem seja mesmo a morte
Pode ser somente uma passagem pra outro plano
Talvez a morte, ah se eu tivesse sorte...
Eu queria ser amado ao invés de ser humano

Talvez a morte seja a escassez de sentimento
Desse bendito amor que o meu corpo não comporta
Talvez a morte seja só um fingimento
Que daqui eu vou para o paraíso que essa palavra conforta

Talvez a morte seja o arrebatamento
Por isso abracei um deus para que eu possa morrer em paz
Talvez a morte seja um mar de sofrimento
Pois não consegui fazer jus para o corpo que hoje jaz

Talvez a morte seja sinônimo da vida
Pois o óbito vem travestido de obter
O que é a morte? Mas que pergunta suicida
Pois a resposta só saberei quando eu morrer

A Força do abraço

Josselene Marques

Ainda há pessoas que ignoram a força do abraço...
Não percebem que, pela falta, laços se desgastam,
Desavenças se multiplicam e os seres se afastam.
Então, convido-as a conhecê-la e adotá-la como regaço.

O abraço é, num mágico e breve momento,
Prazer, empatia, conforto e proteção.
Um gesto repleto de carinho e significação
Que traz consigo amor, apoio e acolhimento.

A abraço cura mágoas em minudências;
Neutraliza rivalidades e malquerenças;
Combate tristeza e previne doenças;
Elimina insegurança, supre carências.

O abraço nos deixa comovidos,
Enquanto nos acalma, ampara e cerca.
Não há criatura que nele não se perca:
Envolvemos e somos envolvidos.

No abraço, sentimos o pulsar dos corações,
Somos tomados por um sentimento de paz.
O abraço é remédio por demais eficaz,
Graças a essa troca simultânea de emoções.

Por isso, sente a força do abraço...
Experimenta—agora mesmo –alguém abraçar!
Não tem contraindicações o efeito a alcançar.
E não esquece: o mundo precisa da força do abraço.

Benedito Vasconcelos Mendes
beneditovasconcelos@gmail.com

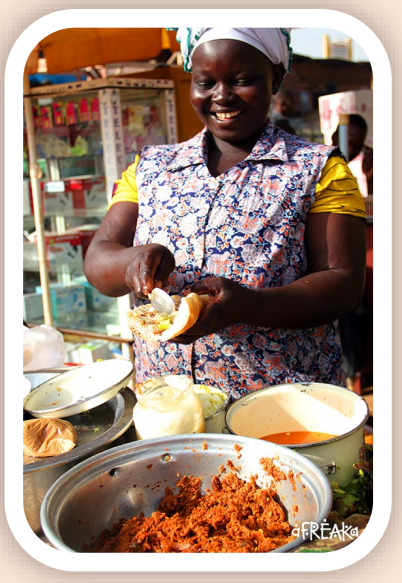
Considerações sobre a alimentação dos africanos

O homem surgiu na África e de lá povoou o planeta. As civilizações africanas, na época da colonização do nosso país, eram muito mais avançadas do que as etnias indígenas brasileiras. Alguns povos africanos alcançaram elevado desenvolvimento na metalurgia (ouro, ferro, aço, bronze e outros metais e ligas), na medicina, matemática, astronomia e na construção civil (muralhas e pirâmides). Por ser um continente com vastíssima área territorial, deu origem a muitas e variadas sociedade, com culturas diversificadas, inclusive a importantes impérios (reinos de Kush, Etiópia, Gana, Mali, Songai, Congo e outros). Só para ilustrar, o império de Kush, localizado na Núbia, onde hoje é o Sudão, possuía grandes minas de ouro, era detentor de uma escrita hieroglífica até hoje não decifrada e construiu pirâmides semelhantes às do Egito, embora menores. Os kushitas eram governados por um rei que comandava uma hierarquia de importante funcionários (nobre, militares, e sacerdotes). A economia de Kush baseava-se no comércio de produtos agrícolas, ouro, pedras preciosas, madeira, peles e marfim (presas de elefante).

Os primeiros africanos que vieram como escravos para o Brasil já conheciam e trabalhavam com metais, armas, marfim, couros, tecidos e outras matérias-primas.

Calcula-se que cerca de 3,5 a 5 milhões de africanos foram trazidos para o Brasil durante os 318 anos de tráfico negreiro (1532-1850), os quais eram provenientes de várias regiões do continente africano, principalmente de áreas pertencentes atualmente ao Congo, Angola, Moçambique, Guiné, Nigéria, Senegal, Sudão e Costa do Marfim. As tradições, os hábitos, os costumes, as crenças, as práticas religiosas, a arte, a culinária e outros elementos culturais variavam de acordo com a origem geográfica do escravo negro. Quando aos animais usados na alimentação, trazidos pelos africanos, a falinha `d'Angola, também conhecida por guiné ou capote, foi o que mais contribuiu para a formatação da culinária da Civilização da Seca. Dentre os vegetais nativos da África que foram introduzidos no Nordeste brasileiro pelos escravos, destacam-se o feijão-guandi, o gergelim, o inhame, o dendê, o quiabo, o maxixe, a erva-doce, o sorgo, o milheto e a melancia. Na primeira metade do século XVI, os africanos não conheciam ainda a mandioca, a macaxeira, a batata-doce, o milho, a pimenta-malagueta, (gênero Capsicum), o amendoim, o tomate-miúdo e outras plantas oriundas da América do Sul, que eram usadas pela indiada do nordeste brasileiro. O principal alimento africano era o bolo de massa de inhame, molhado no caldo de carne. Esse bolo era, para os africanos, o que a farinha e o beiju de mandioca significavam para os indígenas brasileiros. Outro alimento de grande consumo na África era o angu feito de farinha de sorgo, milheto ou inhame. O cuscuz de sorgo era também comida típica naquele continente. Assim como os índios brasileiros, os africanos consumiam puco sal, quase nada de açúcar, e não usavam frituras. Utilizavam muita pimenta e muito mel de abelha. É nativa do continente africano uma espécie de abelha de gênero Apis (Apis melífera scutellata), que produz grande quantidade de mel e é muito mais produtivo do que as abelhas sem ferrão, que são nativas do Brasil, como as dos gêneros Trigona e Melipona (jandaíra, moça-branca, mandaçaia, jati, limão, uruçu e abelha mosquito. . A carne de animais silvestres era muito mais usada do que a dos animais domésticos. Embora os bovinos, caprinos ovinos e suínos já fossem criados, no século XVI, na África, eles eram pouco utilizados na alimentação dos nativos daquele continente.

(Continuação)



A alta diversidade e o grande porte dos animais africanos fizeram com que surgisse uma grande quantidade de fórmulas para preparar carne de caças. Os animais eram caçados com armadilhas, arco, flecha, lança e espingarda. O elefante, o búfalo, o elande, o órix, o hipopótamo, o cão selvagem, os antílopes, a zebra, a girafa, o crocodilo, o gorila, o chimpanzé, o avestruz e uma infinidade de outros animais eram caçados pelas tribos africanas.

No século XVI, os africanos já cultivavam, em seu continente, o arroz, a banana e a cana-de-açúcar. Ao chegarem ao Brasil, eles substituíram, em parte, o inhame, o sorgo e o milheto, originados da África, pelo milho e pela mandioca, autóctones do Brasil. Logo começaram a fazer angu, cuscuz e papas de massa de milho ou de farinha de mandioca. Substituíram também o bolo de inhame pelo bolo de milho. As receitas eram as mesmas, apenas a farinha feira de grãos e de raízes de plantas africanas foi trocadas pela massa de plantas brasileiras, no caso, o milho, a macaxeira, a batata-doce, o amendoim e a mandioca. O cozido era mais frequente do que o assado, de modo que a comida de penala, que produzia caldo, era de uso diário. O caldo de feijão-guando, de galinha, de capote, de carne e de peixe eram usados, também, para preparar sopas.

Na África, as bebidas embriagantes, usadas pelos nativos de continente, eram feitas de mel de abelha, de sorgo e de seiva fermentada de dendê. Naquela época, o leite era utilizado na forma líquida, na forma de coalhada, ou consumido em mistura com farinha de sorgo. Eles ainda não conheciam o queijo.

MUSEU DO SERTÃO

MS

Mossoró - RN

Agente Cultural

É função de todo agente cultural a realização de atividades culturais e promoção da cultura. Este mês, o Novo Boletim Bibliográfico homenageia Franci Francisca Dantas. Uma agente cultural que vai além das suas atribuições pela sua contribuição cultural e pelo seu dinamismo. Ela age como como incentivadora, socializadora e mobilizadora das experiências culturais.

Franci Dantas é idealizadora da Academia Mossoroense de Artistas Plásticos (AMARP), fundada no dia 16 de setembro de 2017. Uma academia que tem por objetivos unir a classe artística, incluir os artistas visuais na sociedade e instituições socioculturais, valorizar as produções dos artistas visuais, divulgar as atividades da academia, promover encontros entre os diversos segmentos culturais, produzir, viabilizar, administrar e gerenciar cursos, projetos culturais, concursos, exposições e escola oficina. Ela é a presidente da AMARP desde a sua criação.

Como artista plástica, Franci tem inúmeras obras doadas a diversas instituições como: Museu do Sertão, Pinacoteca de Mossoró (futuras instalações (1º piso do Museu Histórico Lauro da Escóssia), Pinacoteca da cidade de Martins, Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte e OBA Restaurante. Além destas, Franci tem obras no exterior, como: Tela Técnica Mista - Rainer Bolik (Botrop - Alemanha, CD de Artes Visuais (intercâmbio cultural) Giorgio Bernadinelli (Milão—Itália).

Durante sua vida cultural, Franci Dantas já recebeu inúmeras homenagens com Diplomas e Honrarias, tais como “Amiga do Museu do Sertão”, “Academia dos Escritores Mossoroenses (ASCRIM)”, “Academia de Ciência Jurídicas e Sociais de Mossoró—ACJUS”, “Sócia Efetiva da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço (SBEC)”, “Sócia Correspondente da Academia de Letras e Artes de Martins (ALAM)” e “Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)”.

Sua vida profissional passa pelo magistério, sendo a mesma professora de Geografia com atuação em audiovisual, teatro, coreografia, decoração de interiores, nas seguintes instituições: Escolas reunidas Círculo Operário São José; Escola Estadual Governador Dix-sept Rosado; Escola Municipal Joaquim da Silveira Borges; Colégio José Moreira da Costa (Educandário José Moreira da Costa); Escola Estadual Primeiros Passos; Centro Educacional Desembargador Dinarte Mariz; e Centro Educacional Diran Ramos do Amaral;

Sua atuação em audiovisual / decoração foi intensa, trabalhando desde instituições educacionais, assim como em desfiles cívicos, a saber: Secretaria Municipal de Educação, Esporte, Cultura e Lazer; Museu Histórico Lauro da Escóssia. Comemoração aos 150 anos da Matriz de Santa Luzia (Diocese de Mossoró); Escola Estadual José Moreira da Costa; Escola Infantil O Primeiro Passo; Diretora da Escola Municipal Sindicato do Sal (atual Antonio da Graça Machado.

(Continuação)

As atividades culturais / Exposições de artes visuais, Colaborou com Conselho Comunitário do Abolição IV, na gestões Wellington Barreto; Estação das Artes Elizeu Ventania, Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte, Museu do Sertão, durante a XII Jornada Cultural; e II Salão Dorian Gray de Arte Potiguar (Fórum das Artes—Mossoró/RN

Franci recebeu diversos certificados, como: Certificado II Semana do Geógrafo (UERN); Certificado do II Seminário de Reflexão Catequético (Paróquia São José); Certificado do Seminário sobre Problemas da Adolescência, Sexo e Vício (secretaria Municipal de Educação, Esporte, Cultura e Lazer); Certificado do Encontro de educadores Montessorianos de Mossoró/RN; Certificado da OBRAPE—(Organização Brasileira pedagógicas); Certificado do Simpósio! Distúrbios da conduta na Infância e adolescência (Secretaria de Estado da Saúde Pública); Certificado do II Treinamento para Técnicos e Voluntários do Projeto REVIVER (FETAC - RN); e Certificado do Curso de Atualização Pedagógica (secretaria Municipal de Educação, Esporte, Cultura e Lazer).

Recebeu dois diplomas do Museu do Sertão, 1 Troféu do Museu do Sertão e Comenda da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte — Fundação ACJUS).

A homenageada, Franci Dantas, também é escritora. Ela já publicou e lançou as obras literárias independentes: Fios de Pensamentos - Família Dantas (biografia—Adaptações poéticas—Mensagens); Pelos Meandros da Memória (memória—História—Biografias) e Nuances - Fase inicial.

Síntese Biográfica

Franci Francisca Dantas é professora por formação, leitora por opção e artista plástica por vocação. Sua colaboração com a cultura local vai, desde sua participação nas academias aos incentivos aos demais agitadores culturais. Muito importante a preservação cultural da cidade. Segundo a mesma, “Ao longo da própria existência tornou-se fácil observar determinados patrimônios herdados de alguns familiares e repeti-los.

O relato mais fácil e perfeito para descobrir a Franci Dantas Agente Cultural, foi publicado no livreto no dia da sua posse na Academia de Ciências Jurídicas e Sociais. Assim relatao mesmo sobre a personalidade cultural da homenageada: “o dinamismo para o trabalho, a tendência para a leitura, a escrita, o gosto pelo estudo, facilidade para o sedenho e a pintura. O trabalho é a produção, a leitura, é magia, a escrita e o imaginário e arte é a criatividade. Artista Plástica autodidata eleitora insaciável desde criança. Sempre gostei de estudar, o que ainda exerço sem mais estar mais na escola. Pesquiso pela descoberta, pela sede de saber. Sempre convivi com livros, papeis, lápis, pinceis e tintas. Talvez, por isso meu mundo seja naturalmente colorido. Através desses recursos genéticos, muito cedo aprendi a valorizar o trabalho muito além de, apenas, fonte de renda, mas também para o crescimento profissional com plano de carreira e visão para o futuro. Esse processo gera concepção, idealismo e muito determinação. Isso e tudo mais que você sonhar poderá ser realizado se vocês for ousado”.

E para se expressar como pessoa, a própria Franci Dantas diz ser, “muito teimosa. Às vezes chata. Exigentíssima, primeiramente com ela mesma. Impulsiva, mas está se policiando. Quase sempre convencida do seu próprio ponto de vista. Turbulenta, barulhenta, pois fala muito alto. Sempre estabanada. Sincera ao extremo, a ponto de ferir as pessoas, mas a mesma informa que está sempre se policiando”.

Esta é Franci Francisca Dantas. Que no auge dos seus defeitos, sempre procura ser mais verdadeira possível, pois sinceridade é sua marca registrada. Ela é esta pessoa. Sem maldade, mas com muita vontade de fazer o melhor.

ACADEMIA MOSSOROENSE DE ARTISTAS PLÁSTICOS
Amarp
"A PINTURA É UM POEMA SEM PALAVRAS"

(Continuação)

Segue, abaixo, entrevista que Franci Francisca Dantas concedeu a nossa equipe editorial. Uma conversa esclarecedora de quem luta incessantemente pela cultura da sua cidade:

Novo Boletim Bibliográfico – Quando você começou o seu interesse pelas artes? e pela literatura?

Franci Dantas - Desde criança. As duas modalidades: artes e literatura. Elas fazem parte da minha vida. Ao mesmo tempo em que eu desenhava e pintava, na mesma intensidade eu lia. Iniciei com folhas de jornais que embrulhavam as compras, folhas avulsas de revistas. Em seguida, tomei conhecimento das revistas em quadrinhos. "O Gato Félix", foi a primeira revista. Eu ganhei de minha mãe. Não parei mais. Com 11 anos, já conhecia as obras de José de Alencar, Machado de Assis etc. passando para escritores de outros países, como os portugueses e americanos. Escrever livros faz parte dos meus planos desde a adolescência. Sem saber quando, no entanto. Eu tinha ideia das temáticas que iria abordar. Quanto a arte, iniciei meus desenhos com paisagens "enormes" no chão do pátio que fazia parte da nossa residência. Depois passei a desenhar e pintar em papel comum, papelão, parede, tecido. Ao iniciar os estudos, meu lazer preferido era desenhar nas folhas do caderno de desenho que fazia parte do material escolar. A minha primeira "vernissage" aconteceu nas paredes da "despensa" da nossa casa, onde expus mais de 30 desenhos em papel comum, tipo, ofício. Além das crianças, a "exposição" recebeu visitas dos pais e amigas da minha mãe. De acordo com a repercussão, deduzo que eu era a única criança artista plástica da nossa rua. A literatura e a arte são paralelas. Uma complementa a outra e ambas primordiais em minha vida.

Novo Boletim Bibliográfico – Em relação aos apoios e movimentação cultural em Mossoró, você acha suficiente?

Franci Dantas - A movimentação cultural de Mossoró poderia e deveria receber "suporte" de algum órgão para o desenvolvimento das atividades que realizamos com recursos próprios. A literatura e a arte não são valorizadas. A arte, menos valorizada que a literatura. A maioria das instituições culturais são de "letras e artes". No geral, as letras se destacam mais do que as artes. Fui e continuo ousada por fundar e manter a Academia Mossoroense de Artistas Plásticos (AMARP). Não me refiro apenas a falta de apoio dos órgãos governantes, mas os próprios artistas visuais não prestigiam a única instituição direcionada às artes visuais da cidade.

Novo Boletim Bibliográfico - Como você acredita que a cultura local seria ideal?

Franci Dantas - A cultura local ideal, sinceramente não tenho a fórmula. Apenas sugestões para que haja mais unicidade entre escritores, músicos, poetas, cantores, artesãos, desenhistas, pintores, chargistas, capistas, etc. à favor da cultura mossoroense. Talvez, a fundação de uma instituição ou sindicato que nos representasse, seria bom. Certa vez, o presidente da ACJUS, José Wellington Barreto apresentou a sugestão da instituição acima citada. Pena! Ficou apenas a ideia.

(Continuação)

Novo Boletim Bibliográfico - O que é mais difícil: ser professora, ser escritora ou ser artista plástica?

Franci Dantas - Não usaria o adjetivo difícil e sim, o substantivo compatibilidade. Tenho orgulho de ser professora, todavia, tenho mais afinidade com a arte por ser totalmente autodidata. Jamais participei de aulas de artes. Desenvolvo e aprimoro minhas próprias técnicas. E a literatura complementa os dois anteriores. Talvez resulte do hábito de leitura que cultivo desde criança. Lecionei apenas 05 anos. A arte suplantou o magistério. No papel eu era professora, na prática trabalhava na área artística dos estabelecimentos educacionais e culturais que eu trabalhei.

Novo Boletim Bibliográfico - Em Mossoró e região, temos inúmeras academias e/ou instituições culturais. Qual recado você daria para melhorar a nossa cultura?

Franci Dantas - A resposta é a mesma da questão 03.

Novo Boletim Bibliográfico - Opine sobre a Coleção Mossoroense...

Franci Dantas - A identidade do nosso povo, a construção da imagem de Mossoró e a ligação entre os mossoroenses e sua cultura. A concretização do sonho do renovador, carismático e progressista de Vingt-un Rosado, constituindo um verdadeiro presente para nós que valorizamos a nossa cultura. A Coleção inclui a organização social, política e a cultural da cidade. Após algumas dificuldades, a referida instituição conta com aquisições dos profissionais Maurílio Carneiro e Ranielle, além do trabalho valioso de editoração e catalogação do escritor Eriberto Monteiro, sob a presidência de Dix-sept Rosado Maia Sobrinho. Coleção Mossoroense. Única no mundo do seu gênero.

A FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO **informa que a campanha "Mantenha a Coleção Mossoroense Viva" através de doações por meio do pagseguro continua. E reforça a campanha, aos amigos e admiradores da Coleção Mossoroense, que a Fundação Vingt-un Rosado está recebendo doações também através do Banco do Brasil.**

Então, se você tem interesse em manter a Coleção Mossoroense viva, que os escritores sejam revelados e/ou valorizados, e ainda, que o sonho vingtaneano continue sempre presente, não deixe de doar.

Deposite, transfira, colabore. Qualquer valor é sempre bem-vindo para manter da Coleção Mossoroense viva.

Fundação Vingt-un Rosado / CNPJ 70.302.583/0001-90 / Banco do Brasil, agência 0036-1 / Conta Corrente 153714-8.

Repetindo: **Fundação Vingt-un Rosado / CNPJ 70.302.583/0001-90 / Banco do Brasil, agência 0036-1 / Conta Corrente 153714-8.**

Quer ver sua poesia/poema/artigo publicado no informativo da Fundação Vingt-un Rosado, Novo Boletim Bibliográfico ? Envie seu trabalho para os seguintes contatos:
(84) 98886 0520 (WhatsApp) ou pelo e-mail**: fvrcm@uol.com.br**

Jerônimo Dix-sept Rosado Maia Sobrinho
dixsept@uol.com.br

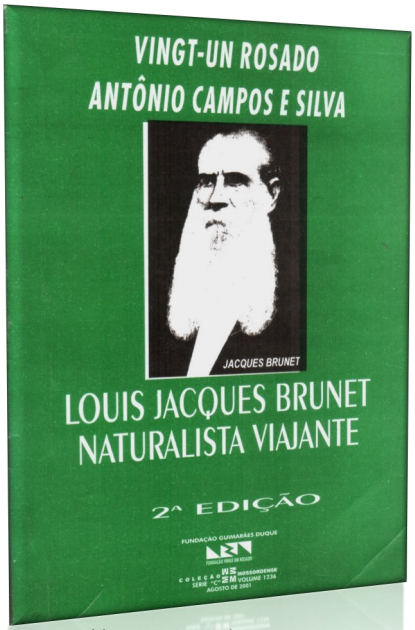
Menino, menina, eu vi o fazer

(Parte 1)

Costumávamos passar nossas férias de janeiro em Tibau. Meu pai tinha lá uma casa simples, bem localizada, muito frequentada por amigos e amigas dele e de minha mãe. E pelos amigos e amigas meus e de minhas irmãs. Sabe aquele pedaço do paraíso terrestre movimentado, alegre, pôr-do-sol maravilhoso, luas de todos os tamanhos, beira-mar, morros de areias coloridas?

Nesses regalos para nós jovens ou crianças, podíamos testemunhar várias coisas e histórias. A que trago hoje refere-se a uma parte de como foi escrito o livro "Brunet, o naturalista viajante" que saiu pela Coleção Mossoroense.

Na minha opinião as universidades do Rio Grande do Norte, do Ceará, da Paraíba e de Pernambuco estão devendo estudos mais aprofundados sobre o autor Vingt-un Rosado. Pouco ou nenhum estudo eu conheço sobre o estilo do escritor referido. Nunca um livro, dos inúmeros que escreveu, foi tema de vestibular ou, se muito me engano, estudados em suas salas de aula.



Tomo aqui a liberdade de indicar dois desses livros, se uma universidade enfrentasse esse grande desafio que é o de reconhecer os grandes filhos da terra nordestina.

Uma dessas indicações seria "Roderic Crandall, um mossoroense da Califórnia". Nele podemos apreciar a maneira de escrever vantaneana e observar sobre espírito comunitário, o que jovens alunos, em sua maioria, são ávidos de aprender.

A outra indicação seria sim, "Louis Jacques Brunet, naturalista viajante". foi escrito juntamente com Antônio Campos e Silva, este jovem e promissor pesquisador e poeta, cedo levado por Deus. Brunet, médico, naturalista, aventureiro, cientista, andou e estudou essas plagas brasileiras.

Após pesquisas feitas pelos autores, já naquela fase da confrontação dos dados e da redação, uma parte desse livro foi escrito em Tibau, durante nossas férias. Os autores, Vingt-un e Antonio Campos e Silva alternavam a deliciosa convivência conosco e o trabalho.

A casa era iluminada com uma lâmpada a gás, marca Coleman pesada, que ficava dependurada numa passagem entre a cozinha e a mesa a um tempo de refeições e de trabalho. Distraído pelos afazeres Antônio passava sem prestar muita atenção, chocava sua cabeça na lâmpada que fazia a luz tremer, e ele fazia a contagem ironicamente das vezes em voz alta: "trinta e cinco!". Enquanto nos divertíamos com o bom humor de Antônio, mesmo com a dor de cabeça do trabalho e da pancada na cabeça. Muita luz havia naquela cabeça!

Assim, entre Mossoró, Apodi, João Pessoa, Recife e Natal essa obra foi sendo escrita. Resultou em trabalho admirável, pois reúne figuras humanas excepcionais como Pe. Florêncio Gomes, Vingt-un Rosado, Antônio Campos e Silva e, sobretudo, Louis Jacques Brunet, o naturalista francês, viajante pelo Brasil no século XIX.

Wilson Bezerra de Moura
wilsondefatima@hotmail.com

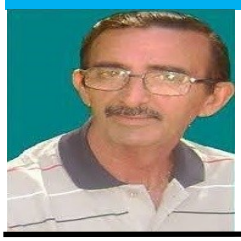
Francisco Ferreira Souto

Faz sentido lembrar uma história que aconteceu, que faz parte da vida de alguém e de fatos que contribuíram para a formação de uma geração. Aliás, não só faz sentido como nos enobrece em revelar façanhas importantes na constituição de um povo que nos pertence. Naturalmente imbuído desse pensamento, o memorialista professor Raimundo Nonato da Silva tenha desenvolvido seu trabalho ao longo de muitas pesquisas com vistas a retornar os valores históricos dentro de uma formação continua de fatos e gentes que estiveram presentes em acontecimento marcantes.

Foi também com esse propósito que fomos buscar o passado e trazê-lo em forma de revelações aos presentes. A pessoa indicado no momento é o senhor Chico Souto, assim tratados na intimidade, que viveu nos sertões da antiga Vila de Triunfo, no princípio, chamada de Campo Grande, cujo lugar adquiriu predicação administrativa. Com a denominação de Augusto Severo em 20 de agosto de 1903, o pávido sertanejo pisou as areias alvas do litoral tornando verdadeiramente impressionante o encontro com outra religião bastante diferente das terras sertanejas, que tornaria um grande empreendedor. As águas azuis do Oceano brilhavam com intensidade em, sua mente e o fez crescer de forma a encontrar uma resposta para sua imigração da terra que deu vida.

O professor Raimundo Nonato, em seu livro Memórias do Oeste Potiguar, tomou por termo o depoimento de seu Chico, que assim se expressou: “Aqui cheguei em 1903. Areia Branca era pequenina, mas assim mesmo maior do que a idadezinha de onde eu vinha no Sertão Oeste, Augusto Severo. Comecei a trabalhar aqui, sabe Deus como”. É verdade que o sucesso de seu Chico Souto foi medido por sua capacidade em enfrentar os desafios da vida. De início vendedor de miúdo de boi, resto de matança. Depois marchante, daí por diante vai se capitalizando com a venda de ovos, galinha, até atingir a comercialização de sal, tornando-se industrial salineiro. Enquanto o comércio de sal naquele tempo não valia nada, seu Chico Souto comprova os demais parques produtores, ia se firmando até constituir sua firma F. Souto, que viria de futuro ser um potencial no ramo de sal na região. O gerente do Banco do Brasil em Mossoró, ao tempo de sua evolução empresarial, senhor Carlyle Magalhães, abriu uma conta movimento para seu Chico Souto que o principio resistiu à ideia e, ao dirigir-se ao gerente, lhe falou: “Não seu ler nem escrever, mas sei de tudo e nasci para o trabalho”.

Foi assim que se formou na região um parque produtivo de sal constituído por um sangue dos sertões da antiga Vila de Triunfo, Augusto Severo, hoje Campo Grande e que o transferiu a outra geração Francisco Ferreira Souto Filho, seu legítimo sucessor, também grande empreendedor no Estado do Rio Grande do Norte.



Antonio Filemon Rodrigues Pimenta
filemonamol@hotmail.com

O Mossoroense novo de novo

O Mossoroense
Especial 140 anos
140 anos de História

O nosso centenário O Mossoroense está sempre com roupagem nova, visão nova, com uma nova fase, com uma equipe de jovens jornalistas em busca de uma maneira ampla de informar os leitores, oferecendo uma leitura gostosa expressiva, para que as matérias sejam uma fonte de informações verídicas.

Aí vem de imediato a lembrança da figura do seu idealizador, um jovem que, para defender seus ideais, mesmo enfrentando mil e um obstáculos, fez circular o seu primeiro exemplar no longínquo ano de 1872, precisamente a 17 de outubro. Esse jovem, Jeremias Nogueira da Rocha, advogado provinciano e jornalista, teve o importante papel de fazer circular um jornal para defender os ideais do Partido Liberal e ir de encontro aos desmandos do seu opositor, partido comandado em Mossoró pelo Vigário Antonio Joaquim Rodrigues.

O Mossoroense, que na área editorial se autodenominava Semanário, Político, Noticioso, tinha como fundador Jeremias Nogueira da Rocha e colaboradores inicialmente José Damião de Souza Melo e Ricardo Vieira do Couto. Como o passar do tempo, o jornal veio a ser o terceiro mais antigo do Brasil, o quarto da América Latinha. Claro que teve várias fases, e sempre que fechava, e depois reabria, estava novo de novo.

A primeira fase, que foi de 1872 a 1876, passou pelas dificuldades pelas quais passavam todos os jornais (com prejuízos financeiros para seus idealizadores), e vem novamente a abrir em 1902, pelo filho do fundador, João da Escóssia Nogueira, um artista nato nas xilogravuras, substituindo com elas a parte fotográfica na manchetes. Ele conseguia extrair da madeiras, com ajuda de um simples anivete, as matrizes de suas talhas. Após o ano de 1934, depois de te sido dirigido sucessivamente por João da Escóssia, Almeida Castro, Rafael Fernandes Gurjão, Augusto da Escóssia, o neto de Jeremias da Rocha, O Mossoroense deixou de circular mais uma vez.

Em 1946, reabre novo de novo, dessa vez sob a direção dos irmãos Lauro da Escóssia e Augusto da Escóssia, precisamente em setembro, fechando pela terceira vez em 1965. Devemos lembrar que nesse período era instalado no Brasil, o regime militar. Então, o jornal veio a ser reiniciado em 1970, como a direção novamente de Lauro da Escóssia.

Devemos salientar, e até mesmo testemunhar isso, que Lauro da Escóssia fazia de tudo para ver o centenário circular, sempre dando furo de reportagem, por exemplo, a entrevista do cangaceiro Jararaca, em junho de 1927, que obrigou o jornal a circular com 5.400 exemplares, considerado um número extraordinário para a época (a reportagem chegou a atingir nível internacional).

Assim é o nosso centenário, renovado sempre para melhor. A família Rosado o adquiriu em, 1976 e já passaram por ele vários dirigentes com nomes consagrados . Como o monstro do jornalismo Dorian Jorge Freire até o fechamento e 1983; e após entrar em sua nova fase, o diretor passa a se Elder Andrade. Já em 1989, foi a vez do professor Pedro Almeida e de Valney da Costa. Agora o nosso centenário, após as comemorações dos seus cento e cinquenta anos está em fase totalmente nova, está tudo novo de novo. Como certeza, atingirá o seu segundo centenário novo de novo.

As Encenações de Alicinete

Por Renato Borges de Sousa

Imagem: Imponente rua do Centro de Mossoró/ RN, a Coronel Gurgel, vendo-se à esquerda a magnífica construção do, então, Cine Pax.

Alicinete chegou a nossa rua bem na época em que os moradores do bairro pareciam hipnotizados pelos enredos, ainda em preto e branco, das novelas da TV.

Mesmo sem querer, ela parecia atrair para si a atenção dos olhares naquele entorno, uma vez que gesticulava muito à medida em que, com seu sotaque engraçado, parecia clamar pela garantia que todos deveriam ouvi-la, ou seja, ela falava alto.

Naquele tempo, era comum as casas da rua ostentarem portas e janelas escancaradas em plena noite, de maneira que aqueles que, se em algum instante, não conseguissem assistir a determinada cena diante dos nossos próprios sofás, prontamente, podiam ver seus ídolos preferidos rentes aos batentes das janelas dos vizinhos.

Foi dessa forma que passei a observar que Alicinete, sentada à sala de onde morava, não piscava os olhos, nem parecia respirar diante das contagiantes histórias.

Todavia, somente na trama que compunha uma das obras-primas de Janete Clair, "Pai Herói", que passei a constatar que eu estava diante de uma grande atriz.

Veja, não estou a me referir à Elizabeth Savala nem Glória Menezes (integrantes da citada novela), mas a própria Alicinete que, em silêncio já internalizava as cenas que colocaria em prática no dia seguinte.

Assim, nas manhãs que há muito já se foram, muitas vezes vi Alicinete, como se estivesse de tocaia rente aos pés de castanholas do nosso vizinho à direita. Ela, sem dúvidas, clamava que alguma cobaia cruzasse seu caminho... que os ouvidos da redondeza a visse atuando... ou apenas escutasse suas falas --- Isso seria o máximo!

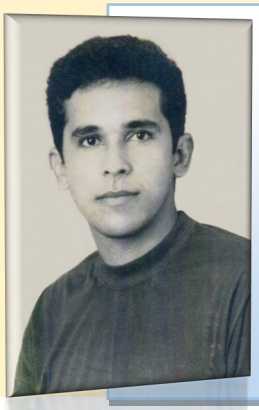
Ah!... Pobre Geraldinho, irmão de Antico, conversando com Dedeca de Seu Paulo Flandeiro, sem querer, resvalou no pé de Alicinete. O pobre assustado, inocente àquilo tudo, contracenou na calçada que servia de tablado com a convincente atriz.

Nunca... Nunca me esqueci de Alicinete, quando a mesma repetia, tim-tim por tim-tim, o que ouviu no capítulo da Novela das Oito da noite anterior:

--- Você é um Palerma!... --- Não gosto de hipócrita!... Seu ignóbil, enquanto Geraldinho se distanciava da mesma.

Bem que podíamos ter assistido a esse inesquecível show de Alicinte encostados nos côncavos encostos das cadeiras do Cine Pax, mas quisera o destino que eu e minha mãe apenas presenciássemos aquele folhetim de rua, às gargalhadas, da sala da nossa casa na Rua Rodrigues Alves.

Observação: "Palerma", "hipócrita" e "ignóbil" eram neologismos (palavras novas) na época mencionada... e nem tínhamos a mínima ideia que se tratavam de palavras pesadas.



Sobre o autor Renato Borges de Sousa

Mossoroense de nascimento, saiu de Mossoró para servir a Marinha do Brasil. Nela ficou por oito anos. Atualmente, é professor universitário da área de Letras e Educação, além de ser advogado. Renato fez doutorado na Espanha e atualmente reside em Manaus. Segundo Renato, “Aguarda a oportunidade de retornar à Terra do Petróleo e dos melões”.

Concurso Literário Coleção Mossoroense 70 anos

A Fundação Vingt-un Rosado, mantenedora da Coleção Mossoroense promoveu o Concurso Literário Coleção Mossoroense 70 anos.

O evento faz parte do Projeto Coleção 70 que tem o objetivo comemorar os 70 anos de existência e resistência da Coleção Mossoroense, maior movimento editorial sem fins lucrativo do Brasil. Inclusive, o tema escolhido foi "Coleção Mossoroense, 70 anos", podendo os participantes explorar as mais diversas facetas acontecidas durante a existência da/na Coleção.

As categorias disponíveis para a disputa deste concurso foram: conto, crônica, poesia e trabalho jornalístico, tendo uma baixa participação popular, segundo Eriberto Monteiro, idealizador e atual editor da Coleção Mossoroense.

Segundo Eriberto, "A participação foi muito tímida pelo que representa e pela importância da Coleção Mossoroense para o povo brasileiro. Infelizmente, tem pessoas que só lembram da Coleção Mossoroense quando precisa dela. Mas, para a gente que resolveu fazer esta homenagem em busca de publicar o título 5 mil da Coleção, é um fato histórico. E quem participou, já faz parte desta história que perdura 7 décadas. Durante o período de recebimento de material literário, o participante pode desenvolver o tema relacionados aos 70 anos de existência da Coleção Mossoroense, como foi sugerido".

E Eriberto continua: "Apesar desta tímida participação no concurso. está sendo uma homenagem bonita. Vários textos muita qualidade literária. E revelações que somente a Coleção Mossoroense pode proporcionar".

Eriberto relacionou diversos tópicos que poderiam ser explorados para participar deste concurso. Estes tópicos/sugestões foram publicados em diversos meios de comunicação e foram utilizado como forma de facilitar a participação.

Anteriormente, o resultado final do concurso seria divulgado na semana do folclore, em evento da Comissão Mossoroense de Folclore (COMFOLC) realizado em parceria com a Fundação Vingt-un Rosado. Como houve um problema para a realização deste evento cultural, a Fundação Vingt-un Rosado achou por bem utilizar esta ferramenta de divulgação dos seus trabalhos.

Os vencedores e os classificados serão contactados para receber suas devidas premiações, conforme o edital publicado neste meio de comunicação.

Acompanhe, abaixo, os vencedores de cada categoria:

CONTO

1º lugar – Raimundo Antonio de Souza Lopes – Texto: **Um parto diferente;**

2º lugar – Misherlany Gomes Araújo – Texto: **A Velha Ursa do Paraú;**

3º lugar – Thiago Jefferson dos Santos Galdino – Texto: **Óleo sobre tela.**

CRÔNICA

1º lugar – Ângela Maria Rodrigues de Oliveira Pereira Gurgel – Texto: **Obras publicadas, sonhos realizados pela Coleção Mossoroense;**

2º lugar – Josselene Maria Marques Ferreira – Texto: **A realização de um sonho**;

3º lugar – José Edilson de Albuquerque Guimarães Segundo – Texto: **Jerônimo Rosado, o avô da Coleção Mossoroense.**

POESIA

1º lugar – Gualter Alencar do Couto– Texto: **70 anos da coleção mossoroense de Vingt-un à Dix-sept Sobrinho;**

2º lugar – Margareth Freire de Souza – Texto: **Vingt-un;**

3º lugar – Paulo Ricardo Morais Lucena– Texto: **Renascimento de uma Coleção.**

TEXTO JORNALÍSTICO

Única participação – Francisca Anastasia da Silva Correia – **Coleção Mossoroense, um legado de Vingt-un para o mundo.**

(Continuação)

Serão premiados melhores trabalhos acima citados de cada categoria, recebendo os vencedores, os seguintes prêmios:

1º lugar: Conto / Crônica / Poesia / Texto Jornalístico – 25 exemplares da coletânea;
2º lugar: Conto / Crônica / Poesia / Texto Jornalístico – 15 exemplares da coletânea;
3º lugar: Conto / Crônica / Poesia / Texto Jornalístico – 10 exemplares da coletânea;

Além destes 3 (três) primeiros lugares de cada categoria, haverão menções honrosas, de cada categoria, que receberão os certificados;

Os trabalhos ganhadores serão publicados pela Coleção Mossoroense, em formato de coletânea, sendo este, o quinto milésimo título publicado com o selo da Coleção Mossoroense;

Cada ganhador e os que foram agraciados com menções honrosas, receberão, respectivamente, na Noite da Cultura a ser realizado no dia 26 de setembro em comemoração ao aniversário de Vingt-un Rosado e da própria Coleção Mossoroense.

Os concorrentes, no ato da inscrição do concurso, cedem todos os direitos autorais de veiculação e divulgação dos respectivos textos à Fundação Vingt-un Rosado;

Estes e mais os classificados que receberão as menções honrosas, serão contactados para o detalhamento final das premiações.

Informamos, desde já que a coletânea está em processo de composição editorial. É possível que não tenha tempo disponível para a entrega dos livros aos vencedores na data marcada, dia 26 de setembro. Assim sendo, será marcada uma nova data de entrega dos livros para cada vencedor. Mas, deixamos sob aviso…

Os nomes dos vencedores de cada categorias foram publicados no site da colecaomossoroense.org.br (https://colecaomossoroense.org.br/site/2019/08/23/fundacao-vingt-un-rosado-comunica-os-vencedores-do-concurso-literario-colecao-mossoroense-70-anos/) e, hoje,

A Fundação Vingt-un Rosado tem a honra de divulgar os demais vencedores, conforme a qualidade do trabalho e pontuação recebidas pela comissão julgadora. Eles receberão o Certificados de Honra ao Mérito Coleção 70. São eles:

CRÔNICA

- Odemirton Firmino de Oliveira Filho – **Diálogo com o passado;**
- Eriberto Esdras Oliveira – **O Pico Branco nas páginas da Coleção Mossoroense**;
- Francisco Vieira Filho – **Exército pela Cultura;**
- Francisco de Assis – **Do fundo do baú.**

CONTO

- Inácio Augusto de Almeida – **Manhã de domingo.**

POESIA

- Martha Cristina Eleutério Maia – **A escrita;**
- Yáscara Samara Oliveira da Silva – **Um sonho, uma vida;**
- Pedro Víctor da Silva Azevedo – **A obra de um gênio.**

Deste já, todos estão convidados para participar da festa dos 70 anos da Coleção Mossoroense que será realizada no dia 26 de setembro, quando da XLV Noite da Cultura, na Loja Maçônica Jerônimo Rosado.

A Fundação agradece a participação de todos e agradece pela valorização da Coleção Mossoroense por parte dos escritores participantes.

A história da Coleção Mossoroense também é sua história.

Vem aí a XLV Noite da Cultura

Exposições literárias, exposições artesanais, apresentações musicais; apresentações artísticas e muito mais.

Noite da Cultura. Dia 26 de setembro, a partir das 18h, na Maçonaria Jerônimo Rosado, localizada na Rua Inácio Vale, 600 – bairro Planalto 13 de Maio, Mossoró/RN. Por trás do Supermercado Rebouças.

Na oportunidade, serão celebrados a cultura do nosso Estado, o aniversário do saudoso Vingt-un Rosado, de grande memória, os 70 anos da Coleção Mossoroense, lançamento da obra número 5 mil da Coleção Mossoroense e a entrega da premiação do Concurso Literário Coleção Mossoroense 70 anos;

Entrada franca.

Esperamos todos para celebrarmos a cultura, a história, um legado.

Erratas: Na página 14 –Sessão Agente Cultural

O número anterior do Novo Boletim Bibliográfico apresentou alguns equívocos de digitações, tais como abaixo citados, já corrigidos, desconsiderando o que foi publicado:

"...promovido pela R**á**dio Rural de Mossoró".

"E **foi** do integrante do grupo Vinna ..."

"Saberes **com** músicas de artistas locais."

"...estas apresentações **são..."**

No futuro**, também,** Goretti Alves pretende lançar um CD infantil..."